

## Editorial

Organizar uma edição é sempre tarefa árdua. Primeiro, poucos são os editores científicos (raríssimos) remunerados para executar tal trabalho. Segundo, separar um tempo (e que tempo) para isso, entre orientações, aulas, casa e filhos (especialmente as mulheres), não é fácil. Fins de semana, feriados e muitas noites devoram esse fazer. Tudo por amor à ciência. No caso, à Gerontologia, que tem no Brasil raríssimas publicações. E que devoção! Organizar uma revista científica conta pouco ou quase nada para a produção individual do pesquisador/editor.

Assumido o trabalho (quase sempre solitário) de edição, o editor fica às voltas com vários artigos. Muitos não entram por problemas de espaço e de prioridade, outros, por questão de qualidade. Todos querem publicar, pois hoje essa produção é muito valorizada no meio acadêmico. Apesar das dificuldades esta é uma etapa enriquecedora, quando e-mails vão e voltam entre pareceristas, editores e autores, na tentativa de sempre melhorar o texto, de torná-lo mais compreensível, completo e agradável. Uma vez selecionados os artigos, passa-se à outra fase, organizando-os em uma ordem de leitura. Qual deles colocar em primeiro lugar? Como traçar um caminho a ser percorrido pelos leitores? Essa é uma empreitada difícil, uma vez que, ao se falar em envelhecimento e velhice, tudo parece ser prioritário. Mas não dá para pensar muito, pois os prazos de gráfica e editora pressionam. Como fazer? Nesta edição, os artigos foram organizados por temas afins.

É assim que abrem a revista as reflexões de uma antropóloga que envelhece e rejeita cada vez mais as secas reflexões que parecem colocar o ser humano sob um microscópio, como se não fizessemos parte daquilo que analisamos. Trata-se do artigo intitulado “Medo de envelhecer ou de parecer?” Nele a autora tece considerações sobre o medo do envelhecer apoiadas em experiências, conversas e crônicas, embora não exclusivamente, para depois buscar uma abordagem mais acadêmica, mas que complete, uma vez que mergulho e descolamento são complementares.

Reflexão que, em “Verdejar-envelhecer: que combinação é essa?”, discorre sobre o envelhecimento como acontecimento em cujo contexto a velhice é traçada a partir de uma noção de envelhecer associada à de verdejar, a qual propicia meios de criar saúde na produção de diferentes modos de vida. Como é o caso de “Um breve ensaio sobre a aceitação da beleza na efemeridade dos corpos”, texto que identifica a relação entre a beleza corporal e a longevidade por meio dos paradigmas que ligam o culto do corpo e a estética da beleza nas relações sociais. Nessa perspectiva, a opinião dos idosos é essencial para uma compreensão do significado da beleza nesse momento de suas vidas.

Não só. O significado da velhice pode ser dado também pela conjugação do conhecimento gerontológico com as influências culturais da produção cinematográfica, articulando as diversas facetas do envelhecimento humano na complexidade de seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais. É o que trata o artigo “Imagens cinematográficas da velhice: um enfoque gerontológico”, tendo como referencial as teorias *life-span* e *life-course*, com a exposição imagética da velhice, no início do século XXI, por meio do filme *Lições para toda vida*.

Não devemos falar em velhice, mas em velhices. E é delas que trata o texto “A velhice não contemplada: invisibilidade das demandas sociais da pessoa idosa em Fernando de Noronha – Nordeste do Brasil”. O artigo apresenta informações epidemiológicas e reflexões sobre os padrões e as desigualdades no processo de envelhecimento com base em uma pesquisa e uma leitura crítica, analisando o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a prevalência de déficit cogni-

tivo, as taxas de envelhecimento e condições de vida encontradas na ilha. Tópicos que reforçam o tom de invisibilidade e negligência das demandas sociais do segmento mais velho da população no conteúdo das políticas públicas do país.

Bases fundamentais para o surgimento de organizações sociais que fortalecerão o segmento, destacando o grande valor dos Conselhos de Representação como espaços de participação e mobilização do idoso na defesa de seus direitos. Por isso, o artigo “Conselhos de Representação: espaços para os idosos se organizarem na defesa de seus direitos” observa as normas jurídicas no Estado Democrático de Direito, que têm, entre outros objetivos, regular o convívio social, estabelecer obrigações e direitos no relacionamento interpessoal e na relação das pessoas com o Estado. Independentemente do seu conteúdo, a aplicação efetiva das normas jurídicas é que vai determinar seu alcance, sua relevância.

Já o artigo “Educação permanente na atenção à saúde de idosos” discute a formação de profissionais na atenção à saúde do idoso. Com base na escuta de gestores da saúde e na análise dos dados confrontados com a literatura, evidenciaram-se dois eixos norteadores: qualidade de vida e competência profissional. A inter-relação dos dois eixos pode constituir uma estratégia operacional de capacitação profissional permanente.

É o que, em certa medida, o artigo “Formador de formador: características educacionais e profissionais de acadêmicos que ensinam na formação continuada *stricto sensu* em Gerontologia no Brasil” procura analisar. Esse estudo apresenta resultados de pesquisa realizada sobre o perfil do formador de formadores da formação continuada em Gerontologia no Brasil, com base em dados de acervo documental. Os resultados mostram que os formadores de formadores apresentam muitas características em comum e que, no Brasil, há indícios de um “perfil-tipo” do formador de profissionais educadores de adultos maiores, que ensinam nos cursos de Gerontologia *stricto sensu*. Cursos que têm como propósito final atingir as pessoas idosas, grupo emergente obrigado a lidar diariamente com a proliferação das tecnologias comunicacionais. Daí o interesse em saber qual é “O impacto da informática na vida do idoso”.

Esse texto aborda as transformações das tecnologias de comunicação e de informação, uma vez que elas têm despertado um grande interesse entre os idosos quanto ao aprendizado, especialmente da informática, considerando os benefícios que pode oferecer às suas vidas.

Muitas vezes, esse aprendizado se dá na ocupação do tempo livre ou como simples lazer, como abordado no artigo “Lazer e tempo livre na ‘terceira idade’: potencialidades e limites no trabalho social com idosos”, apresenta uma crítica aos programas dirigidos à terceira idade que visam a ocupação do tempo livre com atividades de lazer e recreação com base na crítica aos fundamentos teóricos e ideológicos que os orientam e de onde emanam as potencialidades no trabalho social com idosos.

A compreensão dos significados e impactos da intervenção cirúrgica também faz parte desta edição, que procura também identificar as “Implicações psicossociais do envelhecimento: o caso da cirurgia de revascularização do miocárdio em mulheres idosas”. Com base em uma revisão da literatura científica, esse texto contribui para um conhecimento que objetiva a promoção de condições para o tratamento de idosas que necessitam realizar essa complexa cirurgia.

Procura-se também identificar as características clínicas e demográficas de pacientes inseridos no Programa de Assistência Domiciliar ao Idoso (PADI), discutido no artigo “Perfil clínico-demográfico dos pacientes inseridos em um programa de assistência domiciliar no município de São Paulo”, por meio de um estudo transversal descritivo feito mediante um questionário baseado no material de avaliação multiprofissional inicial do programa.

São estudos que procuram verificar também o bem-estar do segmento idoso, como é o caso do artigo “Qualidade de vida em um grupo de idosos de Veranópolis”, o qual, por meio do WHOQOL-Bref, avaliou um grupo e seus resultados apontaram ter ele boa qualidade de vida por realizar atividades de lazer, não utilizar medicação diária e estar livre de sintomas depressivos. E, por último, esta edição assinala “A importância do bom funcionamento do sistema mastigatório para o processo digestivo dos idosos”, fazendo uma correlação entre a importância da boa função dentária e sua capacidade na ingestão de

nutrientes-chave, de vital necessidade para o estado de saúde geral que permitirá ao idoso enfrentar as prováveis vicissitudes da terceira idade.

Encerramos este número com a resenha “A roda da vida”, pois pensar a vida como uma roda é, com certeza, refletir sobre a circularidade dos movimentos das pessoas vivas, em especial daquelas que ficaram vivificadas em nossa memória e, de certa forma, compreender a vida como uma travessia entre o nascimento e a morte, sem que esta última signifique um fim. É nesse sentido que a médica psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross (1926- 2004), suíça radicada nos Estados Unidos traduz sua vida na autobiografia intitulada *A roda da vida: memórias do viver e do morrer*.

Memórias que, certamente, percorremos cotidianamente e traçamos no nosso processo de envelhecer. Como cada um de nós a trilhará é outra história, que contaremos no próximo número. Não deixe de ler!

*Beltrina Côte*  
*Suzana A. Rocha Medeiros*  
*Vera Brandão*